

leninismo como o grande logro do século XX. Suportou-o durante setenta anos o povo do Leste europeu, mas afinal a ditadura soviética ruiu sobre suas próprias bases. Talvez julgue o Prof. Emir Sader que se trate de efêmera vitória da ignorância sobre a sabedoria. Posição compreensível, entre outras mais, dado o inesperado choque traumático trazido pela fragorosa derrocada da calamitosa utopia comunista.

[Carta aos leitores]
6/8/96

*

Extrema-direita na PUC

Li, estarecido, a reportagem publicada nesse jornal, de 07 do corrente mês, sob o título “A extrema direita faz escola na PUC”, a respeito de um jornalzinho escolar, que teve o condão de levar ao pânico a nossa vigilante *intelligentsia* esquerdista. A folha intitula-se *O Indivíduo* e foi escrita por quatro jovens entre 17 e 25 anos. Pois bem, essa modestíssima publicação conseguiu “abalar as sólidas estruturas da tradicional instituição” e provocou uma reunião de especialistas convidados pelo JORNAL DO BRASIL, cientistas políticos, psicanalistas, filósofos, para análise do sensacional documento. A condenação não tardou: o texto era racista e a punição veio logo em seguida: “cusparadas, sopapos e pontapés”, tudo no mais puro estilo nazicomunista. E a douta mesa censória sentenciou com pausada gravidade: “Estamos observando o primeiro movimento organizado de extrema direita ao longo de toda a história da PUC”.

Vejamos alguns dos perigosos sintomas desse explosivo movimento organizado por quatro jovens “adolescentes”: “Adoram Aristóteles, louvam São Tomás de Aquino, acreditam que a Igreja verdadeira encerrou sua atividades bem antes dos Concílio Vaticano II, acham que o filósofo ultraconservador Ortega y Gasset é a antena da raça”. Além do mais, “evocam (não sei se será “invocam”) frequentemente o nome de Deus” e “são ultraliberais no individualismo radical que pregam em seus escritos”. Certamente teriam merecido incendidos encômios, se tivessem citado outros ídolos, a exemplo de Marx, Lukács ou Gramsci. Cometem ainda os desavisados outros deslizes, como “apreciar bastante a Metafísica”, “ferramenta filosófica que, sintomaticamente, não permite a reflexão sobre a ação” etc., pois se dedica “a questões que transcendem a esfera humana e que se dariam na Cucolândia das nuvens, como diria Nietzsche”. É que ignoram que, já nos fins do século passado, Sílvio Roméro, em nome do naturalismo filosófico, havia anunciado a morte da Metafísica.

Investigou-se também a família dos jovens extremistas. São filhos de abastados pais de classe média alta (abastados da classe média?), o que deveria

explicar, pelo menos em boa parte, o seu extremismo. Como se não houvesse entre nós abastadíssimos esquerdistas. De um dos rapazes chega-se a dizer ser filho de “uma reles funcionária da Receita Federal, bem reles mesmo” (entre aspas no texto da reportagem, não sei por quê).

É o caso de se perguntar: “E onde fica a liberdade de expressão?”. Esta naturalmente é exclusividade daqueles que, quando se manifestam, não visam a qualquer tipo de autopromoção, que exigem dos *media* “reserva de mercado”, que só pensam nos prazeres do corpo e ignoram o amor ao próximo. Por isso, enquanto se nega o direito de expressão a quatro jovens insatisfeitos com certo tipo de mentalidade dominante em amplos segmentos da nossa combalida sociedade, levanta-se um clamor em prol da liberdade de expressão de um grupo de rock que reivindica o direito dos jovens ao uso de drogas, isto é, à franquia de se autodestruírem, corpo e alma.

Isso não significa minha adesão aos pontos de vista expressos pelos quatro jovens em seu jornalzinho, mesmo porque não tive acesso a ele, suspensa que foi sua circulação, e sim um protesto contra a violência de que foram vítimas nas dependências da PUC, exatamente em nome da liberdade de expressão. Idéias combatem-se com idéias. É o que me parece.

[Carta aos leitores]
(17/12/97)

*

Frei Leonardo Boff

No domingo, 10 do corrente mês, o suplemento *Idéias/Ensaios* desse jornal publicou, págs. 4-5, esclarecedor artigo do conhecido líder político Frei Leonardo Boff. Esclarecedor porque, sem blocos nem torneios, vai direto ao assunto e põe a nu as suas posições meramente seculares. Marta e não Maria.

Logo de início, Frei Leonardo foi taxativo: “É verdadeira a constatação de que os setores progressistas das Igrejas especialmente ligadas à teologia da libertação ajudaram na vitória de *Lula* para chegar ao segundo turno das eleições. É bom que assim seja”. Vê-se, pois, quanta razão assistia ao candidato Leonel Brizola, outro defensor dos oprimidos, quando protestava contra o apoio faccioso que a Igreja Progressista Brasileira estava dando ao seu principal concorrente, o petista Luís Inácio *Lula* da Silva.

Acompanhando ainda a clara lição progressista do frade franciscano, fica-se sabendo que a essencial diferença entre a resposta tradicional das classes dirigentes ao processo histórico da libertação dos oprimidos e a destes mesmos está no seguinte: *antes*, o pobre era *objeto* da solicitude das classes conser-